

Extensão Rural e Desenvolvimento Local: As feiras como espaço de comercialização e divulgação das ideias agroecológicas em Recife – Pernambuco¹

Vanessa SANTIAGO²

Irenilda de Souza LIMA³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

Resumo

No Brasil, ocorre a valorização das atividades e dos produtos da agricultura familiar cuja produção ocorre sob as orientações dos princípios agroecológicos. Compreendemos que o outro modelo de agricultura convencional consegue desastrosamente aprofundar os problemas ambientais, econômicos, socioculturais no âmbito da modernização conservadora. Destacamos o imprescindível apoio e ações da ATER e Extensão Rural para a produção da agricultura familiar na perspectiva agroecológica, essas ações repercutem no desenvolvimento local. No trabalho descrevemos os espaços urbanos onde os produtos, trazidos do meio rural são comercializados. Observamos diálogos entre produtores e consumidores nestes espaços denominados feiras agroecológicas. Entendemos ser uma pesquisa qualitativa em andamento, em que a metodologia resulta de uma revisão bibliográfica, análise documental e mapeamento dessas feiras.

Palavras-chave: agroecologia; transição agroecológica; feiras agroecológicas.

Introdução

Consideramos que atualmente tem sido mais valorizado pelo Estado e pela sociedade em geral, a agricultura familiar como segmento produtivo, principalmente quando a este grupo produtivo são associadas às práticas agrícolas tradicionais, por consequência mais sustentáveis culturais e simbólicas importantes para o fortalecimento da identidade campesina. Além de produção de alimentos relacionado a segurança alimentar evidencia-se a produção de outros bens culturais e de preservação ambiental.

Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos de uma pesquisa em andamento e almejamos estudar a configuração das feiras agroecológicas em Recife, Pernambuco verificando se e como estes espaços tem se concretizado como espaço de venda de produtos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX, email: vanessamariasantiago@hotmail.com.

³ Professora Dra. do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX, email: irenilima2@gmail.com.

e de ideias agroecológicas. As pretensões são de contribuir para as discussões sobre os resultados vinculados às práticas de produção agrícola, baseadas no enfoque da transição agroecológica. Metodologicamente definimos esta pesquisa como qualitativa e de caráter exploratório.

Essa ideia surgiu a partir da proliferação destas feiras e da adesão crescente da população por estes tipos de produtos vinculando-os a perspectiva de vida saudável e associado a linha de produtos agroecológicos. Saber mais sobre a origem e a forma de apoio que tem recebido nos instigou a executar o presente estudo.

Observamos que os agricultores familiares, desde o momento que assim foram referidos estão historicamente associados em suas problemáticas à questão agrária no Brasil. Contemporaneamente, as várias formas de participação dos agricultores familiares resultaram em conquistas relativas à adoção de políticas públicas que geraram maior inserção em mercados e acessos a crédito e a assistência técnica. Mesmo ainda insuficiente essa políticas públicas evidenciam a importância de que os agricultores familiares produzem mais do que alimentos para serem colocados nas mesas das famílias brasileiras, mas também produzem e vivenciam os valores relacionados a aspectos simbólicos e culturais.

A existência deste grupo produtivo está relacionada ao enfoque de resistência, da luta pela posse e uso da terra, incluindo neste caso, o acesso a políticas públicas que considera para efeito de seus benefícios que na agricultura familiar estão incluídos os agricultores tradicionais, pescadores artesanais, quilombolas, extrativistas, povos indígenas e outros segmentos. Sobre agricultura familiar evidenciamos o que diz Delma Pessanha:

O termo agricultura familiar corresponde a múltiplas conotações. Apresenta-se como categoria analítica, segundo significados construídos no campo acadêmico; como categoria de designação politicamente diferenciadora da agricultura patronal e da agricultura camponesa; como termo de mobilização política referenciador da construção de diferenciadas e institucionalizadas adesões a espaços políticos de expressão de interesses legitimados por essa mesma divisão classificatória do setor agropecuário brasileiro (agricultura familiar, agricultura patronal, agricultura camponesa); como termo jurídico que define a amplitude e os limites da afiliação de produtores (agricultores familiares) a serem alcançados pela categorização oficial de usuários reais ou potenciais do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (PESSANHA, 2012, p. 34).

O reconhecimento da agricultura familiar provavelmente aconteceu no Brasil colonial, em contraponto ao momento em que as atividades produtivas tendiam principalmente para a

produção de exploração de produtos necessários para o mercado externo similar ao que consideramos hoje como agronegócio.

A agricultura familiar se sobressai como uma prática que colabora significativamente com o desenvolvimento econômico do país, sendo responsável por boa parte da geração de serviço e renda das famílias que residem na zona rural. Para tanto, como nos lembra, Altafin (2005), que estes se mantêm em constante evolução, arraigados em raízes históricas e à tradicional produção camponesa. Neste cenário percebe-se que ao longo dos anos várias foram as transformações vivenciadas pelos agricultores familiares que, de alguma forma fortalecem a capacidade do agricultor, uma vez que buscam promover a adaptação deste às exigências da sociedade (JUNQUEIRA; LIMA, 2008).

É direito dos povos de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo, definir alimentos saudáveis e culturalmente apropriados, produzidos de forma sustentável e ecológica, colocar aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no centro dos sistemas e das políticas alimentares, acima das exigências do mercado e das empresas. A discussão sobre segurança alimentar tem tomado importantes ambientes nacionais e internacionais como um tópico emergente. Este tema também está próximo aos problemas relativos às condições de produção de alimentos e conseqüentemente à agricultura. Este assunto deve ser avaliado a partir das características locais. No Brasil, por exemplo, a agricultura familiar tem conquistado grandes espaços, embora ainda insuficiente, nos debates sobre os recursos para a carência de alimentos e desenvolvimento local e de práticas inspiradas no paradigma agroecológico.

Apesar do reconhecimento que foi houve apoio público nos últimos anos pela ação do Estado aos agricultores familiares no Brasil reconhecemos também que muito mais precisa ser feito para o fortalecimento deste segmento. Predomina no panorama agrícola brasileiro a pequena propriedade, nas qual se pratica a agricultura familiar tendo como base o uso da mão de obra familiar e venda do excedente. Ao falar em agricultura familiar no Brasil, tanto o passado quanto o presente, predominam a falta de uma política agrícola adequada, sem promoção ao crédito ou ao auxílio conveniente ao seu tipo de atividade, pelo menos metade dessas pequenas propriedades se encontram em estado ainda precário, pois, segundo Borin (1997), as razões para esse quadro é a falta de uma política agrícola adequada, sem acesso ao crédito, ao auxílio familiar, ou à assistência técnica conveniente ao seu tipo de atividade. A importância da produção oriunda da agricultura familiar vem do fato e o reconhecimento que este segmento ocupa 84% da mão de obra no campo e são responsáveis pelo

suprimento dos produtos colocados a venda para a população em geral. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a agricultura familiar se consolidou na última década como maior responsável pela garantia da segurança alimentar do país, principalmente em relação a produtos de consumo no mercado interno. Acrescentamos a isso a perspectiva de uma vocação natural da agricultura familiar por produção de produtos alimentares mais saudáveis.

A agricultura familiar se ampara a partir das seguintes variáveis: terra, trabalho e organização familiar. Para Lamarche (1998), neste tipo de trabalho levamos em consideração suas afinidades com a economia de mercado. E que a noção de dependência/autonomia, pode ser analisada por parâmetros de dependência tecnológica, financeira e de mercado.

A importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural é que ela pode atuar como meio para a redução da pobreza no país, como afirma Pires (2003): “o reconhecimento da importância da agricultura familiar na alavancagem do desenvolvimento rural é o primeiro passo para reverter o quadro de pobreza instalado no nosso país”. O desenvolvimento da agricultura familiar estaria, assim, atrelado a uma densa rede de relações entre serviços e organizações públicas, iniciativas empresariais urbanas e rurais, agrícolas e não agrícolas, onde predominam os diálogos e as negociações de sentido e significado, acarretando na participação ampla de todos os segmentos.

Para autores, como Abramovay (2003) e Wanderley (2000), os agricultores familiares se norteiam por um pensamento econômico que procura a satisfação das necessidades de consumo do grupo familiar e a otimização dos fatores de produção. Porém, a agricultura familiar tem se mostrado com uma grande aptidão para adaptação às transformações da realidade social e econômica.

No Brasil, apesar da herança latifundiária que vem do século XXI, a agricultura familiar está presente em todas as regiões. Para Oliveira e Carmo:

O quadro atual da agricultura familiar reflete as particularidades dos processos sociais da história da agricultura brasileira como: a dominação social, econômica e política das grandes propriedades: as marcas de modo de produção escravista; a herança de uma colonização que perdurou após a independência e a ocupação especulativa da terra. (OLIVEIRA e CARMO, 2004).

É imperativo que surjam novas formas de desenvolvimento, e que venha em contraponto ao estado de depredação geral que nos encontramos, responsáveis por um conjunto de ocorrências que levaram a um colapso socioambiental sem precedentes na história mundial.

Como nos mostra exemplificado, em Caporal (2009, p. 4-5) “os efeitos maléficos da contaminação da camada de ozônio, do aquecimento global, da deterioração das terras de cultivo e da já presente escassez de água no planeta”. Esses fatos nos forçam a pensar sobre o futuro que aguarda a humanidade. Há uma maior atenção para às práticas relacionadas com a agroecologia para a produção agrícola e neste aspecto realça-se a importância da assistência técnica e a extensão rural para a utilização da abordagem agroecológica, como afirma Pires e Lima (2012).

Como já referimos o presente texto tem como objetivo apresentar alguns aspectos de uma pesquisa em andamento e almejamos contribuir para as discussões sobre os resultados vinculados às práticas de produção agrícola, baseadas no enfoque do apoio que receberam associados a Assistência Técnica e Extensão Rural sob orientação na transição agroecológica. Verificando ainda se e como estes espaços tem se concretizado como espaço de venda de produtos e de ideias agroecológicas. Apesar de aparecerem dados quantitativos, esta pesquisa se identifica no paradigma qualitativo e tem um caráter exploratório. Mapeamos essas feiras agroecológicas, quanto sua localização e de que forma comercializam os produtos originados da agricultura familiar, as propriedades estão em áreas rurais, mas as feiras estão situadas no município de Recife em Pernambuco.

No aporte teórico relativo ao aporte agroecológicos destes produtos comercializados nas feiras, nos reportamos aos estudos de Caporal (2009), Sevilla Guzmán e Ottmann (2004), que sinalizam que os elementos centrais da Agroecologia podem ser agrupados em três dimensões: a) ecológica e técnicoagronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política. Considerando a partir destes autores que a Agroecologia é uma ciência integradora ou interdisciplinar. Consideramos para efeito deste trabalho a transição agroecológica, entendida como um processo gradual e multilinear de transformação, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como alvo a troca de um modo de utilização de agroquímicos para a forma de fazer agricultura que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. Por isto mesmo, quando se fala em agroecologia, estamos falando de um caminho cujas contribuições vão muito além de aparências meramente tecnológicas ou agronômicas de produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. Outro aspecto importante está relacionado ao modo de comercialização de uma produção agrícola oriunda de um

sistema produtivo sob orientação agroecológica. E neste aspecto focamos como contexto de estudo as feiras agroecológicas.

Metodologia utilizada:

Para o estudo das feiras como locais de comercialização de produtos oriundos da produção agroecológica, escolhemos inicialmente fazer a busca destes locais e assim foi possível mapear as vinte e sete feiras agroecológicas do município de Recife – PE e centramos nossas análises em duas delas: a feira que existe no bairro de Dois Irmãos, devido à proximidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a do bairro das Graças, por ter mais de uma década de sua criação. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa visto que procuramos conhecer de forma exploratória e sobre os achados fazer uma análise interpretativa que não poderiam ser estudadas somente de forma quantificadas. Utilizando-se ainda as técnicas de entrevistas, análise documental e observação direta.

Resultados e discussões

Os resultados da metodologia aplicada nos levaram aos seguintes resultados. As feiras agroecológicas funcionam em horários distintos. No bairro de Dois Irmãos, em Recife, a feira funciona as quartas, com horário das seis até às dez e meia da manhã, funcionando com um total de oito barracas e os agricultores participam da associação dos moradores de Chico Mendes e Terra e Vida. No bairro das Graças, a feira funciona todos os sábados das cinco às dez horas, possuindo um total de 20 barracas, todos os comerciantes participam da Rede Espaço Agroecológico (EA). Os/as consumidores/as distribuídos de ambas as feiras são homens e mulheres, encontram-se em uma faixa etária que varia entre 47 e 62 anos de idade, além de estudantes com faixa etária entre 18 e 35 anos nesse caso, os estudantes que frequentam a feira situada no bairro universitário de Dois Irmãos, local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. De um modo geral a maior parte dos consumidores/as residem, em sua maioria nas proximidades dos locais onde as feiras se realizam, e muitos provavelmente, por isso, consideram sua localização adequada. Os produtos comercializados são: laranja, tomate, caju, coco, jaca, limão, maracujá, abacate, açaí, amendoim, cajá, jenipapo, limão, manga, pitanga e seriguela, alface, cebolinha, couve-flor, rúcula, berinjela, chuchu, jerimum, espinafre, pimentão, pepino e salsa. E também feijão-verde, mandioca, vage, nabo, rabanete e beterraba. Além dos produtos manufaturados pelas

famílias agricultoras como: beiju, canjica, doce de banana, geleia, leite, massa de mandioca, mel de caju, pão, pamonha, polpa de frutas e sucos de fruta.

Quanto aos preços observamos que eles, são semelhantes em todas as barracas é como se fossem tabelados. Esses produtos significam a promoção da saúde tanto para os consumidores, quanto para os agricultores familiares, bem como, a geração de trabalho e renda, para estes últimos. Reforçando assim, o papel dos modos da agroecologia, através de uma agricultura mais sustentável e na melhoria da qualidade de vida da população rural e urbana, pois como enfoca o MST, um antigo ditado da luta social afirma "se o campo não planta, a cidade não janta".

Conclusões

Nesta fase da pesquisa foi possível averiguar que ao contrário das agriculturas convencionais, a perspectiva Agroecologia é defendida como uma nova ciência em construção. A transição agroecológica parece ser a melhor referencia nas vinte e sete feiras encontradas no aspecto de produzirem e comercializarem alimentos orgânicos.

Consideramos que esse tipo de orientação produtiva, como um paradigma e orientação para a assistência técnica e extensão rural. Neste aspecto, que cujos princípios e bases epistemológicas nascem a convicção de que é possível reorientar o curso alterado, dos processos de uso e manejo dos recursos naturais, de forma a ampliar a inclusão social, reduzir os danos ambientais e fortalecer a segurança alimentar e nutricional, com a oferta de alimentos saudáveis para todos os brasileiros. Evidenciamos que a Extensão Rural exerce um papel imprescindível para o desenvolvimento da agricultura familiar brasileira.

Portanto, a produção comercializada nas feiras agroecológicas pesquisadas, é significativamente diversificada e planejada de tal forma a favorecer a comercialização aos indivíduos daquelas localidades e, sobretudo a divulgação de uma ideia diferente que é a agroecologia e neste aspecto promove o diálogo de agricultores e consumidores. Os resultados destas feiras, ao que parece, tem grande impacto na vida daqueles agricultores/as familiares e consumidores/as. No caso dos agricultores promove a possibilidade e escoamento da produção que gera renda. Também os mobiliza para um novo modo de produção e comercialização. Seja através da promoção, de um melhor manejo e produção dos recursos retirados do meio ambiente, como uma elevação do bem-estar dos consumidores, como também, melhores condições de vida e renda para os produtores.

Evidenciando que as ações de assistência técnica e extensão rural são importantes no apoio das atividades da agricultura familiar para o desenvolvimento local

Esta pesquisa, como foi anunciada inicialmente segue uma continuidade. Desta forma, continuará aprofundando as questões que já estão sinalizadas e com resultados atuais que consideramos parciais.

Referências

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003.

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília, DF, 2005. p. 18. Disponível em:

<<http://redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/biblioteca/agriculturafamiliar/CONCEITO%20%DE%20AGRICULTURA%20FAM.PDF>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

BORIN, Jair. **A reforma agrária no governo FHC**. In: BORIN, J. A crise brasileira e o governo FHC. São Paulo: Xamã, 1997. Coleção Fora de Ordem.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília, 2009, p. 4-5.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**.

Revista de administração de empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n4/a08v35n4.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

IPEA. **Agricultura – Agricultura em família**. 2011, Ano 8, ed. 66. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?view=article&catid=28%3Areportagens-materias&id=2512%3Aagricultura-agricultura-em-familia&tmpl=component&print=1&layout=default&page=&option=com_content&Itemid=23>. Acesso em: 13 abr. 15.

JUNQUEIRA, C. P.; LIMA, J. F. **Políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 29, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2008.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução Ângela Maria Naoko Tijika. 2. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologias da pesquisa aplicada às ciências naturais**. Recife. Ed. da UFRPE, 2006.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Disponível em:

<http://www.mst.org.br/2015/04/10/campo-e-cidade-se-juntam-no-cais-jose-estelita.html>.

Acesso em: 15 de abr. 2015.

OLIVEIRA, Leda Maria Soares.; CARMO, René Becker Almeida. **Revista socioeconomia**. Bahia Agrícola, Salvador, BA, v. 6, n. 2, p. 23-27, jun. 2004.

PESSANHA, Neves Delma in **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 34, 2012.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. **A (re) significação da extensão rural a partir da ótica da inclusão: a viacooperativa em debate**. In: LIMA, Jorge. R. T. de (Org.). Extensão rural desenvolvimento sustentável. Recife: Bagaço, 2003.

PIRES, Alexandre H. B. e LIMA, Irenilda de S. L. A Abordagem Agroecológica na Extensão Rural: ferramenta Político-Metodológica para Reflexões sobre o Desenvolvimento Local. In LIMA, Irenilda de S. L, (org). **Extensão Rural e o Desenvolvimento Local: uma proposta metodológica para a relação da teoria e prática**. EDUFRPE. 2012.

SEVILLA G, E.; OTTMANN, G. Las dimensiones de la Agroecología. In: Instituto de sociología y estudios campesinos. **Manual de olivicultura ecológica**. Córdoba: Universidad de Córdoba, 2004. p. 11-26. (Proyecto Equal-Adaptagro).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. Desenvolvimento e meio ambiente, Curitiba, PR, n. 2, p. 29-37, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, p. 20, 2005.